



Theomai

ISSN: 1666-2830

theomai@unq.edu.ar

Red Internacional de Estudios sobre Sociedad,
Naturaleza y Desarrollo
Argentina

Martins Lopo, Rafael

A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo sobre memória e trabalho em uma vila
operária na cidade de Porto Alegre

Theomai, núm. 24, 2011, pp. 71-93

Red Internacional de Estudios sobre Sociedad, Naturaleza y Desarrollo
Buenos Aires, Argentina

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=12423156005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

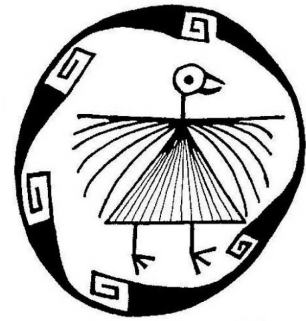
Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

THEOMAI n° 24
2011

Dossier Antropología del
trabajo y memoria de los
trabajadores



Revista THEOMAI / THEOMAI Journal

Estudios sobre Sociedad y Desarrollo / Society and Development Studies

Issn: 1515-6443

A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade de Porto Alegre

Rafael Martins Lopo*

Apresentação

Pensar em qualquer questão dentro do debate sobre as cidades moderno-contemporâneas é sempre um grande desafio. A cidade, em toda sua complexidade, abriga uma série de indagações caríssimas a Antropologia Contemporânea. Desde o crescimento de núcleos urbano-industriais, e a constante migração de indivíduos para a cidade, a disciplina antropológica tem se colocado à disposição para se perguntar sobre estes movimentos¹. O objetivo deste artigo, herdeiro desta tradição, tem como ponto central entender os elementos em jogo na memória e nas rítmicas temporais que regem e agenciam o viver cotidiano em um local específico da cidade de Porto Alegre.

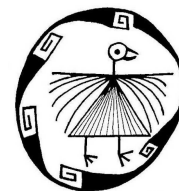
Para isso, tentarei entender como a entrada em campo e o trabalho específico desenvolvido no Banco de Imagens e Efeitos Visuais², sob a orientação de Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, pode colaborar na análise de

* Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. rafaellopo@gmail.com

¹ Como referência no Brasil, temos alguns dos "pais fundadores" da Antropologia Urbana. Ver Eunice Dhuran (1978), Ruth Cardoso (1986), Ruben Oliven (1980), entre outros.

² O BIEV, ligado ao Laboratório de Antropologia Visual da UFRGS, é um núcleo de pesquisa que agrega diferentes pesquisadores de diferentes níveis e formação acadêmica para pensar discussões sobre o acervo, digitalização e produção de imagens, sempre preocupado teoricamente com os temas da memória coletiva, itinerários urbanos, formas de sociabilidade e crise nas sociedades complexas.

A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade de Porto Alegre



uma situação específica na cidade de Porto Alegre - a construção da Vila do IAPI - e sua condição no presente. Esta região da cidade de Porto Alegre é fruto de um projeto de habitação operária na era do Governo Getúlio Vargas, e objeto de políticas de patrimônio na pauta pública das prefeituras recentes (SMPM, 1994.).

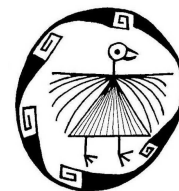
Atualmente, o Banco de Imagens e Efeitos Visuais tem como iniciativa principal de pesquisa o projeto “Trabalho e Cidade: Antropologia da memória do trabalho na cidade moderno-contemporânea”. É neste bojo de reflexão, ainda envolvendo particularidades do universo de pesquisa que será debatido aqui, que a discussão trazida para este artigo pode ser frutífera. Primeiro, porque há diferentes níveis de compreensão e análise do objeto da pesquisa e seu contexto. Segundo, porque há na articulação entre os temas da memória, do trabalho e da produção de imagens inseridos no seio da área da antropologia urbana, uma projeção de interlocução, diálogo e interpretação do fenômeno aqui em questão com outras disciplinas, como a Arquitetura, Economia e Sociologia.

Mas, o que pode ser pensado como sociedade complexa? As reflexões neste sentido apontam sempre para uma valorização do indivíduo, de suas formas de sociabilidade, e para a maneira como estes interagem com o espaço em que vivem e como o representam³. O desafio, neste sentido, é sempre pensar nestas individualidades e nestes agenciamentos entre projetos individuais e ações coletivas. Segundo Gilberto Velho (2004), a cidade abriga uma complexa gama de “visões de mundo” e “campos de significados”. Inspirado em Schultz, este autor nos aponta que é através da dinâmica e das escolhas que se fazem diante destes diferentes “campos de possibilidade” (Velho, 2004, p.17) que podemos identificar a tessitura e as bases fundamentais do indivíduo moderno. Estar na cidade é a todo o momento fazer escolhas, alocar um projeto individual dialogando com um projeto coletivo que reflete as preocupações e sentidos de um campo de significado.

Para o tema aqui proposto, é preciso ir além. É preciso, na linha dos estudos de Eckert e Rocha (2005) pensar como o tempo e a memória são refletidos na narrativa de seus moradores e como a cidade acolhe e participa destas práticas. Para não entrar em um estudo propriamente histórico, o desafio é sempre

³ Para tal, os trabalhos que seguem a linha de Louis Dummont sobre individualismo no Brasil acrescentam e problematizam a noção de indivíduo proposta por este autor. Como exemplo, podemos aqui citar Gilberto Velho (2004), Luis Fernando Dias Duarte (1986), e Tania Salem (1997). De uma forma ou de outra, a preocupação é sempre olhar para a teoria do individualismo sobre a ótica de uma realidade diferente e diversa como a brasileira.

**A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo
sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade
de Porto Alegre**

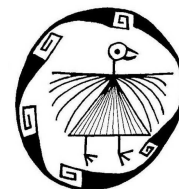


considerar o próprio trabalho antropológico como uma narrativa, e se reconhecer como um dos múltiplos narradores sobre a memória da cidade. Conforme o trabalho de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2004), uma nova arte de narrar se configura a partir da experiência vivida no mundo urbano-contemporâneo, onde o antropólogo também é visto como um narrador privilegiado das dinâmicas e transformações que ocorrem na cidade. Ao compartilhar uma série de códigos em diferentes campos de significados, o antropólogo não somente narra a vida ou a experiência do outro, mas também o processo de estranhamento e familiarização com a sua própria cidade. Tendo em vista isto, o processo de escrita e produção de conhecimento antropológico vira um espaço privilegiado para uma nova arte de narrar.

Por ora, cabe salientar que a metodologia utilizada pela pesquisa, além de seguir os pressupostos básicos da observação participante trazidos por Malinowski (1978) e re-pensados por diversos autores brasileiros para refletir sobre as particularidades da pesquisa no contexto urbano⁴, tem como base temas caros à Antropologia Visual e da Memória, como o trabalho com coleções etnográficas (Rocha, 2008) e a etnografia de rua (Eckert e Rocha, 2003).

Na primeira parte, procurarei apresentar o IAPI dentro do contexto de um projeto arquitetônico coletivo da cidade de Porto Alegre, inserido em uma discussão sobre o imaginário de nação e país que se fazia na época de sua construção. Em um segundo momento, é preciso pensar os temas da memória e duração, articulados ao trabalho etnográfico e de produção de imagens. Por fim, resta tentar articular, através destes dois níveis, como as narrativas e a memória dos moradores agencia estes elementos, e de que maneira o debate sobre a memória do trabalho pode avançar para auxiliar a resolver questões futuras para minha dissertação.

⁴ Neste sentido, o antropológico blues proposto por Roberto DaMatta (1978) é importante para se pensar como uma intersubjetividade construída também culturalmente pode fazer este ir e vir entre o familiar e o estranho, onde o método etnográfico seria então, uma ferramenta privilegiada para este tipo de análise. Partindo disto é que Gilberto Velho propõe uma re-avaliação destes termos, colocando que na cidade, existe ainda um outro momento que seria o de se conhecer o familiar. O problema levantado por Ruth Cardoso (1986) segue uma linha semelhante. A defesa da autora é para que possamos ter clareza, e principalmente capacidade de reflexão e produção de conhecimento ao se pensar este processo de estranhamento. Ao comentar a transformação da realidade social brasileira a partir da década de 70, Ruth analisa os riscos de se deixar levar por uma militância limitadora do processo de pesquisa e acabar realizando uma troca da observação participante por uma extrema participação observante. O desafio, no sentido do que Magnani (2009) comenta, é de construir uma possível unidade de análise sobre o tema da Antropologia Urbana, e como o método etnográfico, seja a prática ou experiência, podem contribuir neste processo.



O IAPI em um imaginário de nação e um projeto de habitação operária:

Pensar o próprio projeto de *bairro* ou *unidade de vizinhança* em suas diferentes dimensões pode nos ajudar a identificar algumas características importantes para se falar de do IAPI e sua relação com uma memória do trabalho na cidade de Porto Alegre, e entender uma política nacional de habitação.

Pensar o próprio projeto de *bairro* ou *unidade de vizinhança* em suas diferentes dimensões pode nos ajudar a identificar algumas características importantes para se falar de do IAPI e sua relação com uma memória do trabalho na cidade de Porto Alegre.

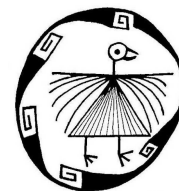
O IAPI está situado na Zona Norte da cidade de Porto Alegre, no bairro Passo d'Areia, constituído por cerca de 2.446 moradias. Conhecido antigamente como Chácara dos Pires, a região, após a enchente de 1941, foi tomada por fábricas e indústrias da cidade. Barbosa (2008) cita algumas destas avenidas, como a Voluntários da Pátria, Benjamim Constant e Cristóvão Colombo. Duas dessas, ao lado da Assis Brasil, formam uma complexa malha viária que envolve o IAPI e seus limites, e a região integra-se hoje a malha urbana da cidade inserida em um dos principais eixos de expansão dos bairros de classe média e alta, como o bairro Carlos Gomes e Três Figueiras.

Segundo Cleusa Terezinha Silva (1999), a preocupação com a moradia popular também se apresenta no Brasil de forma evidente no Brasil. A partir da década de 1930, o país estava em um acelerado processo de desenvolvimento industrial e econômico e se fazia necessário uma política que atendesse a falta de habitação popular. O então presidente Getúlio Vargas encontra nos conjuntos habitacionais uma das soluções para este problema, que vinha desde a República Velha (1889-1930), e resulta na execução de vários projetos de construção nesta área, beneficiando as classes populares, priorizando o operariado urbano que estava em franca ascensão. (Silva, 1999, p. 135)

Por isso, é importante salientar a condição particular em que a cidade de Porto Alegre e a expansão das áreas industriais se encontrava na época em que o bairro foi planejado. Além da crescente industrialização que ocorria no país na década de 50, surgia a necessidade de se criar moradias e espaços de lazer para os empregados destas novas indústrias.

No início do governo de Vargas foram criados Institutos, e ocorre, assim, um processo de transformação e ampliação das Caixas de Aposentadorias e Pensão

A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade de Porto Alegre



(CAPs) - institutos primeiramente na década de 1920. Os Institutos eram baseados em categorias profissionais amplas e sua administração não ficava a cargo de empregados e patrões, como no caso dos CAPs, e sim a encargo do governo como parte integrante do sistema. Os IAPs eram vinculados ao Ministério do Trabalho e tinha por função atender o sistema previdenciário, procurando também soluções para o problema de moradia popular. (Silva, 1999, p. 135). Segundo o relatório da Secretaria do Planejamento Municipal feito em 1994 (SMPM, 1994), a criação dos Institutos de Aposentadorias e Pensões se deu no ano de 1934, e em 1937, já reunia cerca de 844.400 associados. Abaixo, podemos ver um trecho coletado do Trabalho do dia do arquiteto feito pelo Assistente Administrativo Ruy da Costa Mendes, publicado no dia 5-12-52, em homenagem à Décima semana oficial do Engenheiro e do Arquiteto.

A construção de casas populares é -acreditamos nós- a melhor política para aumentar a produção nacional. Todavia, o fator primordial da nossa economia é o homem. Devemos, pois, preservar esse elemento básico, proporcionando lares confortáveis em todas as cidades.

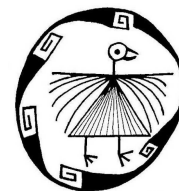
Construindo, pois, a Vila dos Industriários, onde ficarão higienicamente instaladas mais de 15.000 pessoas, cumpre o Instituto dos Industriários com uma de suas mais elevadas finalidades (se bem que não tivesse aqui obrigação específica) e com esse feito de tão extraordinária envergadura, assiste a sociedade, com visível emoção ao lançamento no Passo d'Areia do marco inicial de uma nova era que, sob a sua influência do melhor nível de vida, garantirá, por certo, uma forma de intensa reação do organismo social. (p.8)⁵

Foi nesse contexto que o IAPI (Instituto de Auxílio a Previência Industriária) resolveu investir na construção de uma vila operária. Com o projeto inicial do eng. Eduardo Gardolinski, e o projeto urbanístico do eng. Marcos Kruter (Souza, 2004), a proposta inicial apoiava-se na idéia de *cidade-jardim*, que privilegia o traçado orgânico, o uso intensivo de áreas verdes e sua integração com as edificações. O IAPI manteve por anos suas características iniciais, protegido por um sistema de apropriação dos imóveis como valor de uso, onde o poder público detinha a efetiva propriedade⁶. Desde o final da década de 60,

⁵ Trecho coletado do acervo do Museu Municipal Moyses Velinho, em Porto Alegre, RS.

⁶ A idéia de se construir a vila operária existia desde 1942 e só seria concluída em 1954, com uma área em torno de 66ha. Em seu projeto inicial eram planejadas 1961 residências, e somente

A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade de Porto Alegre



os moradores já são donos de suas propriedades, e o processo de venda e aluguel no bairro é constante desde o período em questão. Foi nesse contexto que o IAPI (Instituto de Auxílio a Previdência Industrial) resolveu investir na construção de uma vila operária. Com o projeto inicial do eng. Eduardo Gardolinski, e o projeto urbanístico do engenheiro Marcos Kruter (Souza, 2004), a proposta motriz apoiava-se na idéia de *cidade-jardim*, que privilegia o traçado orgânico, o uso intensivo de áreas verdes e sua integração com as edificações, mantendo por anos as características iniciais, protegido por um sistema de apropriação dos imóveis como valor de uso, onde o poder público detinha a efetiva propriedade⁷. Desde o final da década de 60, os moradores já são donos de suas propriedades, e o processo de venda e aluguel no bairro é constante desde o período em questão.

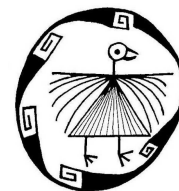
É interessante e até certo ponto possível, pensar no IAPI como parte de uma narrativa da nação, como coloca Benedict Anderson (1993). Para além das articulações e conflitos existentes nos momentos marcantes, a narrativa histórica e também bibliográfica sobre o IAPI coloca em primeiro plano uma nação com um imaginário trabalhista, naquilo que o autor chama de uma certa aparente continuidade e simultaneidade perdida na memória. Jorge Ferreira (2005), em um trabalho sobre o imaginário trabalhista, aponta que o “getulismo”, em sua época de transição para um Estado mais democrático, foi marcado por momentos de conflito e movimentos sociais que eram difíceis de serem explicados pelos intelectuais e meios de imprensa da época. Foi exatamente após a primeira eleição democrática, que deu a Getúlio a presidência da República, que os IAPs acabaram surgindo. Trago aqui testemunhos da revista do Globo como parte desta narrativa:

Foi a recente visita do Presidente Getúlio Vargas ao Rio Grande do Sul, que veio mais uma vez por em evidência esse empreendimento silencioso e gigantesco, que se acha na sua fase final, no Passo D’Areia, como uma das melhores características da revolução social em pleno desenvolvimento no Brasil. (Texto da Revista do Globo, Ano XXIV No 571 18-10-52)

depois foram construídas no total 2456 unidades de habitação. Outros equipamentos públicos também foram incluídos no programa, como o Parque Alim Pedro, dois colégios e a abertura de duas grandes avenidas no bairro.

⁷ A idéia de se construir a vila operária existia desde 1942 e só seria concluída em 1954, com uma área em torno de 66ha. Em seu projeto inicial eram planejadas 1961 residências, e somente depois foram construídas no total 2456 unidades de habitação. Outros equipamentos públicos também foram incluídos no programa, como o Parque Alim Pedro, dois colégios e a abertura de duas grandes avenidas no bairro.

A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade de Porto Alegre



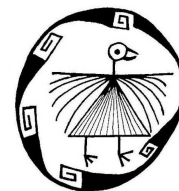
Tornando mais complexo o debate acerca desta nação “trabalhista” exaltada pela Revista do Globo, podemos tomar o projeto do IAPI e toda sua repercussão também como estratégias complexas de identificação cultural e de interpelação discursiva que funcionam em nome “do povo” ou “da nação” e os tornam sujeitos iminentes e objetos de uma série de narrativas sociais e literárias. Fazendo a pergunta de Homi Bhabha (1998), podemos pensar esta representação da nação como um processo temporal. Contra a visão homogênea de Anderson, o pensador indiano defende este tempo como duplo e cindido, completo de “contra-narrativas” que perturbam as identidades “essencialistas” das “comunidades imaginadas”.

É precisamente na leitura entre as fronteiras do espaço-nação que podemos ver como o conceito de “povo” emerge dentro de uma série de discursos como um movimento narrativo duplo. O conceito de povo não se refere simplesmente a eventos históricos ou a componentes de um corpo político patriótico. Ele é também uma complexa estratégia retórica de referência social: sua alegação de ser representativo provoca uma crise dentro do processo de significação e interpelação discursiva. Temos então um território conceitual disputado, onde o povo tem de ser pensado num tempo-duplo. (BHABHA,1998,p 206)

Mas como podemos pensar no projeto do IAPI de uma maneira mais complexa? A resposta pode ser buscada interpretando o projeto também como uma ruptura, uma “contra-narrativa” para a arquitetura e para a cidade que se planejava na época. Pensar no projeto de uma “cidade-jardim” a partir deste olhar, pode nos levar a questionamentos interessantes.

No relatório da Prefeitura de Porto Alegre, já citado anteriormente, a cidade jardim é vista como um lugar aprazível, com construções de qualidade. Há o uso intenso da vegetação, arborização, utilização e criação de praças e parques, além de um traçado orgânico entre o sistema viário, os prédios, edifícios em meio a jardins, remetendo ao marco inicial do projeto do inglês Edebenezer Howard. No final do século XIX, o engenheiro trazia como princípio a integração cidade-campo, numa tentativa de criar uma unidade auto-suficiente. Dentre as características principais do projeto, estão: o uso de baixas densidades; hierarquia do sistema viário, com traçado orgânico; acesso a moradias através de ruas de mão única ou sem saída; acessibilidade ao interior das quadras, através de vias pedestres, assim como construções descoladas dos limites do lote, deixando recuos de frente, laterais e de fundos para jardins,

A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade de Porto Alegre



hortas ou gramados. No caso do IAPI, além destes recursos, foram implantados, aproveitando a área acidentada e verde da região, um parque poli-esportivo, chamado de Alim Pedro, algumas escolas, equipamentos públicos diversos, uma Igreja e diversos outros serviços.

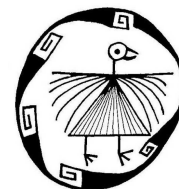
No Brasil os primeiros “Jardins” foram construídos para a classe alta. Em Porto Alegre começaram a se construir loteamentos com características de cidade-jardim, como na Vila Conceição, Vila Assunção, entre outras. A diferença do IAPI, neste caso, é que o bairro concentra essas características de cidade-jardim e é, ao mesmo tempo, uma iniciativa do setor público, para atender parte desta carência habitacional, mas neste caso específico, as unidades destinavam-se aos operários das indústrias que estavam estabelecidas ou se estabelecendo na zona norte da cidade.

Leandro Marino Vieira Andrade, em sua dissertação de mestrado (Andrade, 1993), mostra que o projeto da cidade-jardim proposto pelo inglês Ebenezer Howard se inscreve em um paradigma culturalista, que se caracteriza pela acentuada crítica a cidade industrial e à pressão desintegradora dos valores sociais provocada pela industrialização. Há uma intermediação entre os espaços públicos e privados, onde o quarteirão desapega-se do sistema viário dos loteamentos tradicionais em grade; o projeto também permite que espaços de recreio fossem incorporados aos mais simples projetos habitacionais.

A cidade-jardim, sobre esse prisma, já é em si uma superação de contradições históricas e um projeto de ruptura com o projeto de urbanização vigente na cidade de Porto Alegre. Primeiro, porque esta tradição culturalista em que estava apoiando-se Howard propõe uma nova célula dentro de uma organização mais complexa, e busca a fusão entre as qualidades positivas do campo e da cidade, entre a *qualidade e ubiquidade das vantagens urbanas, somadas ao espraiamento “saudável” do ambiente natural* (Andrade, 1993, p. 72.). Segundo, porque na década de 40, época em que foi pensado e aplicado o projeto, a proposta vigente para o planejamento da cidade de Porto Alegre se baseava em idéias progressistas, através de nomes importantes como Edvaldo Pereira Paiva, Ubatuba de Farias e Demétrio Ribeiro. Este paradigma via a cidade através de outra idéia de conjunto, muito menos sistêmica e muito mais dependente de uma centralidade governamental⁸.

⁸ É possível identificar, na dissertação de Andrade, uma preocupação em também tentar mediar um projeto e uma escolha individual do eng. Responsável pelo projeto do IAPI e as condições sociais mais amplas que eram colocadas através das políticas de habitação e trabalho do governo getulista.

A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade de Porto Alegre



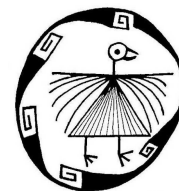
Em Porto Alegre, o projeto do eng. Eduardo Gardolinski tenta trazer para dentro de Porto Alegre a idéia de um espaço habitado de uma forma diferente das vilas industriais inglesas, ao mesmo tempo em que contempla o valor-trabalho para definir quem são as pessoas ou sujeitos que fazem este lugar existir:

A casa deve refletir as características e tendências do homem e da família, de modo a servir suas necessidades e possibilitar o desenvolvimento de uma vida sã e integral. Da mesma forma, o urbanismo deve orientar-se no sentido de planejar a edificação das cidades, tendo em vista satisfazer as necessidades fundamentais das populações e propiciar uma convivência democrática, efetiva e feliz. (...) Conquanto o ideal seja a casa individual, cuja construção merece estímulo e ajudam, circunstâncias várias da vida moderna levam à solução dos chamados Conjuntos Residenciais. Esses conjuntos, tanto quanto possível, devem refletir a necessidade da vida social, evitando a homogeneidade excessiva resultante da sua locação ou venda de elementos pertencentes a uma categoria profissional específica. (trecho do projeto inicial do eng. Eduardo Gardolinski, in SMPM, 1994)

É pontual aqui citar a contribuição de Raymond Williams (1990) sobre a mentalidade inglesa sobre o campo e a cidade a partir do séc. XVI. Especificamente, a partir do séc. XVIII, Williams ainda toma como ponto de partida a dicotomia entre campo e cidade a partir das representações de natureza e cultura, respectivamente. Entre outros termos, também se destacam as idéias negativas em que a cidade é vista como barulhenta, lugar mundano, e o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. A primeira contribuição para nossa reflexão é a análise temporal que o autor realiza das obras literárias inglesas desta época. Tomando a Revolução Inglesa como ponto crucial, o autor ressalta que

A vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e de um povo; move-se em sentimentos e idéias, através de uma rede de relacionamentos e decisões... (1990, p.19)

A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade de Porto Alegre



A defesa de Willians é que há uma separação ideológica entre os processos de exploração do campo e progresso da cidade. As idéias se movem no tempo e nos extratos literários sempre renovando a idéia de uma paisagem humana, de um lugar em que o homem faz parte e se integra para moldar a maneira que achar mais conveniente. Dentre as idéias que circulam nas mentes inglesas do séc. XVIII, a invenção da paisagem é retirada das noções holandesas, e pressupõe uma busca incessante da natureza “virgem”. A égide da relação do homem com a natureza é erguida sobre dois princípios. Primeiro, um princípio de ordem, que toma os princípios reguladores da natureza como possíveis de serem controlados pela mente humana. Segundo, um princípio de criação, que busca a harmonia com o “natural” buscando apreender as verdades da natureza através de nossa relação com ela. Mais interessante que esta idéia de uma “paisagem”, que significa uma relação do homem com o mundo natural, é a de que uma nova ordem se cria a partir da Revolução Industrial inglesa, e tem na cidade de Londres o ápice dos contrastes, *uma combinação incessante de atitudes novas e velhas*. (Willians, 1990, 200). É instigante, e ao mesmo tempo contraditório, imaginar que um projeto popular de moradia e habitação tenha sido moldado a partir de idéias para classe alta, enquanto colocava, diante do plano diretor da cidade, um questionamento sobre um paradigma cultural e arquitetônico vigente.

A contribuição da antropologia, no entanto, pode ir além deste reconhecimento, e a etnografia, para além de uma “experiência estética”, como considera o autor⁹, pode problematizar e rever algumas idéias de endurecimento e patrimonialização deste espaço vivido.

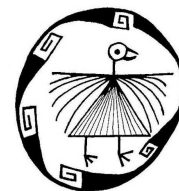
Através do trabalho de campo, pude encontrar na narrativa de alguns antigos moradores falas semelhantes àquelas expressas no livro publicado pela Prefeitura acerca da memória dos bairros (Nunes, 1991), sobre o primeiro meio de transporte público na região, os jogos no parque Alim Pedro, e as dificuldades enfrentadas por estes referente aos pagamentos das mensalidades.

Nos jogos da memória: entre projetos individuais, coletivos e a etnografia da duração:

Para a proposta da dissertação, e principalmente desse artigo, a contribuição da prática de *etnografia de rua*, proposta por Eckert e Rocha (2003) foi motriz para identificação de alguns espaços do bairro e a interação dos seus *habitués* com o

⁹ Andrade, 2007, p. 143.

**A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo
sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade
de Porto Alegre**

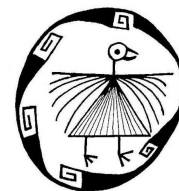


local. Partindo da idéia de um percurso e de uma *fala de passos* perdidos (DeCerteau, 1994), pude adentrar nas vielas, ruas e pequenas vias que fazem do IAPI um local específico. Olhar para este espaço da cidade tentando me situar como um narrador do local, e sempre imbricado em uma cultura urbana particular, permitiu a este aprendiz-de-antropólogo compartilhar destas falas e começar a narrar a cidade pelas estórias do IAPI.

Os blocos de concreto misturados a algumas pequenas casas são muito diversos. Todos com cores opacas é verdade, mas cada um com uma característica diferente. Entre as variações, estão o número de andares (de 1 a 4), a cor do prédio (amarelo, cinza, marrom, havana), o número de janelas, o tipo de entradas e portas, a existência ou não de calçadas, entre outros. Há um arranjo muito rico, uma potência de boas imagens imensa, assim como são longínquos os limites do bairro. O IAPI, para quem o vê de dentro pela primeira vez, é realmente muito grande. Por fora, parecem apenas prédios iguais, e sem ninguém dentro. Minha impressão primeira é completamente diferente. As ruas e vias se multiplicam em pequenas garagens, puxadinhos, lajes e re-apropriações do espaço. Há também uma delegacia, dois colégios, muitos estabelecimentos comerciais de diversos tamanhos, e muitas pessoas dentro das casas. (Diário de campo dia 13 de agosto de 2010.)

Após começar esta jornada etnográfica, que ainda perdurou por mais alguns meses, conheci seu Lino. Lino é um padeiro antigo da região, mas não mora no local. Interessante pensar, que atrás de antigos moradores, acabei me deparando com um interlocutor privilegiado que não mora, mas trabalha no local. Meu primeiro contato com Lino se deu no dia 20 de agosto, em minha segunda saída de campo. Seu Lino é um senhor de cerca de 60 anos, de cabelos brancos e barriga avantajada. Ao falar, mistura a letra "r" com a letra "g", e sempre me aponta para os possíveis caminhos do trabalho e da rede social em que está inserido. Segundo me conta, foi para o IAPI com seu pai, quando este comprou a padaria no prédio de entrada do bairro, mudando-se posteriormente para o final da Av. dos Industriários, mais próximo a avenida Plínio Brasil Milano.

**A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo
sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade
de Porto Alegre**



Como outros tantos moradores do local, seu Lino é um defensor fervoroso de Getúlio, e a todo o momento lembra-se das benfeitorias feita pelo antigo presidente para o IAPI. Segundo ele, o bairro foi um modelo para os outros BNHs do Brasil, e até hoje possui a particularidade de ser um bairro com construções fortes e “gente do bem”. É no mesmo espaço, projetado para ser um prédio comercial, que há mais de 50 anos Lino recebe e atende clientes diversos. De homens a mulheres, jovens e velhos, amigos e vizinhos, entre tantos

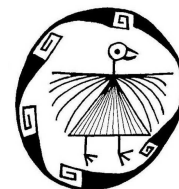
Eu conheço isso aqui há mais de 50 anos, quando vim pra cá trabalhar com meu pai e meu irmão. Cheguei aqui há 53 anos, no dia 1º de agosto de 1963, e meu pai se chamava Laudelo Alves Martins. (diário de campo dia 20 de agosto.)

É muito heterogêneo, entendeu, as opiniões e as idéias, entendeu? Independente de raça, de clubes de futebol, o assunto predominante aqui é futebol e INPS, ou melhor, INSS, entendeu. Quanto é que vai ser o aumento, se o SUS tá atendendo bem, se tem o remédio no postão, que aqui nos estamos próximos ao Postão do IAPI (entrevista realizada no dia 19 de janeiro de 2011)

Outra moradora que se apresentou com uma narradora em potencial foi Sueli. Através de um grupo que pratica ginástica para 3º idade no Parque Alim Pedro, conheci uma simpática moradora, que está no IAPI há mais de 50 anos. Sueli veio com a família do marido, mas conta que também era industriaria. Durante anos trabalhou na Renner como costureira, enquanto seu marido trabalhava em outra fábrica tingindo e cortando tecidos. As duas fábricas, no caso, foram vendidas para empresas maiores. Sueli, ao me contar sobre sua chegada ao bairro, relata:

Bem, eu vim pra cá há 53, 54 anos. Logo que casei. Não tinha muita coisa aqui perto, depois que foram construindo colégio, o “Postão”. Tinha o cemitério, e algumas coisas, mas quase nada... Eu trabalhava na seção de calças, para homens. Costurava desde aquela época, costurava, tinha 14 anos, sempre costurando, comecei no Renner (...) depois fui trabalhar no Guaspari, fui trabalhar na SidSil, que era uma camisaria. O Guaspari era uma firma de fazer roupas pra homem, que nem o Renner, funcionava ali na Coriga, antes da Coriga, que depois eles fizeram os edifícios, quando terminou a firma né.(entrevista realizada no dia 09 de maio de 2011)

A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade de Porto Alegre



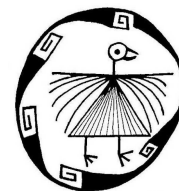
O relato é semelhante ao de Pedro, que tem mais de 80 anos, e há mais de 50 mora no IAPI. Pedro era trabalhador de uma fábrica de exportação de madeira de corte, que posteriormente foi vendida para uma multinacional. A partir de uma rede de jogadores, expectadores e amantes de bocha¹⁰, conheci, entre outros, seu Pedro, antigo morador e bochador.

Pedro é mais magro, tem uma aparência mais frágil e também usa óculos e bengala para se locomover. Sua voz sai aos poucos, palavra por palavra, muitas repetidas, mas sempre em um tom sereno e calmo. Sua vida é o trabalho e a bocha. Da mesma maneira que meus antigos informantes me falavam de toda uma trajetória de trabalho ligada ao futebol e ao trabalho, intimamente e simetricamente conectados, seu Pedro me falou durante todo o tempo sobre seu trabalho e sua vida nas quadras de bocha de Porto Alegre. Seu conhecimento das quadras, bairros, tipos de piso, jogadores, jogadas, posições e times é fantástico, e está sempre atrelado a alguma rede de vizinhança e de trabalho. As convergências entre as diferentes sociabilidades masculinas na cidade talvez seja sempre narrada nestes níveis, entre o trabalho, o envelhecimento e o pertencimento a um local específico na cidade. Seu Pedro trabalhou durante a vida inteira na madeireira Sheri Scheiner, que só exportava madeira para fora do país, somente Pinho. Como vários outros casos, foi comprada pela Araucária, e do ano de 1951 até 1996 foi gerente de depósito. Recebeu diversos elogios de grandes presidentes da empresa, e realmente gostava do que fazia. Além de suas competências entre madeiras e pinhos, me falou de muitas histórias nos terrenos de areia batida das associações de bocha (sim, mais uma relação com a várzea, a terra!), sobre grandes jogos, e suas excelentes atuações como bochador. Sim, uma das posições em um trio de bocha é o bochador. Tem também o ponteiro, que é quem sempre abre as jogadas, e o jogador do meio, que orienta estrategicamente o destino das bochas dos companheiros de time. Seu Pedro ainda me conta que há dois irmãos no IAPI que começaram a bocha, e ao ser indagado diz que tem imagens de acervo sobre o IAPI e seu trabalho, e que não se importa em mostrá-las para mim. O próximo passo tem que ser dado com muito cuidado. (diário de campo dia 19 de abril de 2011)

Ao mesmo tempo em que as relações cotidianas estabelecem normas para o que pode ou não pode ser feito com o espaço, os projetos e agenciamentos políticos

¹⁰ Esporte comumente praticado na região Sul, onde cada equipe possui 6 bolas para tentar deixar mais próxima de um outra bola menor dentro de uma “cancha” reta e com profundidade de aproximadamente 25 metros

**A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo
sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade
de Porto Alegre**



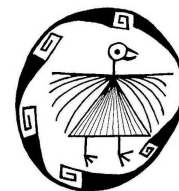
e sociais coletivos obrigam os moradores das grandes cidades a se utilizar de táticas e estratégias possíveis para realizar seus projetos. A noção de projeto, portanto, torna-se fundamental. Ao citar este conceito, Gilberto Velho (2004) nos mostra como projetos individuais se organizam e se articulam com projetos coletivos, e nos ajuda a entender as relação entre os diferentes níveis de política.

Bailey (1968), de outra forma, também relata as relações e redes sociais imbuídas no cotidiano de uma pequena vila na França. Ao re-ler seu texto, comecei a me perguntar sobre os valores e significados que estão sempre em jogo nas redes de relações sociais. Há, segundo o autor, um jogo de reputações e valores, uma tensão constante entre condutas individuais e sociedade, entre egoísmo e altruísmo, entre igualdade e desigualdade. Em pequenas comunidades, todos sabem de todos, e mesmo não se conhecendo, os indivíduos têm acesso a informação sobre a vida dos outros.

Nas outras duas entrevistas realizadas até agora, os interlocutores insistiram e reforçaram a idéia de que morar ou trabalhar no IAPI é mais valioso por ser um bairro onde todos se conhecem, arborizado, e tranqüilo. Um local onde as pessoas podem se relacionar com diversas gerações, um lugar para onde todos sempre querem voltar.

Através da experiência etnográfica no IAPI, percebo aos poucos que alguns valores comuns são sempre colocados em jogo para este jogo de reputação e reconhecimento. Seguindo Bailey, é possível pensar na sociedade como uma interminável troca de mensagens:

We signal our way through life and, from one point of view, society and community are an endless exchange of messages. Exchange is the essence of social interaction: society exists in that men give each other deference, challenges, pieces of information, money, tribute, service-even marriage has been construed as the exchange of women. Messages are conveyed in a variety of ways: the spoken word, the gesture, the nod, the failure to greet, the banging down of coins on the counter, the timidity of a knock at a door and other slight cues of this kind, which may well remain invisible to someone not familiar with the culture concerned. (Bailey, 1968, p.10)



Qual é, então, o valor em jogo nestas trocas de mensagens cotidianas? No IAPI, os termos comuns postos a frente de conversas e interações cotidianas giram sempre em torno dos valores do trabalho, envelhecimento, e moradia.

O Cotidiano do IAPI: nos meandros da memória e da narrativa:

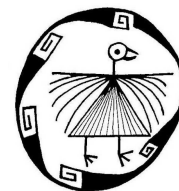
Entrando em campo, pude ouvir pequenas narrativas e histórias de alguns antigos moradores sobre suas escolhas e suas impressões do bairro. Trago aqui uma pequena conversa que tive com um casal que, a me ver com a máquina fotográfica em punho, me perguntou que tipo de pesquisa estava fazendo:

O casal, de mais de 60 anos, diz que mora ali há mais de 50. Dona Nara chegou com o pai, quando tinha nove anos, e seu Fred foi para o local após o casamento, pois era industriário da Aços Finos Piratini. Além de reclamar sobre como as pessoas modificam suas casas sem a menor preocupação com a construção original, falam de como os prédios eram todos iguais antigamente, e a pintura não variava muito. As diferenças atuais e mais marcantes se devem a intervenção dos moradores e pude, mais tarde, fotografar algumas variações de janelas, cores e portas (...). Quando pergunto sobre as condições de vida na época, me afirma que não tinha nem luz, mas também reconhece que mudaram a casa deles, devido à chegada de três filhos, e que dois deles ainda estão morando no local.

O cotidiano é sempre cheio de contradições. Ao mesmo tempo em que defendem a “patrimonialização” do IAPI, os dois reconhecem que a vinda de filhos, enfim, as intermitências da vida cotidiana, praticamente obrigam as pessoas a mudarem suas casas, seus princípios, suas visões de mundo, seus estilos de vida, entre tantas outras coisas. Ainda querendo seguir meu trajeto fotográfico, sem intenção de incomodá-los, anoto telefone e e-mail dos dois para um possível contato. (Diário de campo dia 02 de outubro de 2010)

O que este “relato” etnográfico nos traz é extremamente intrigante para pensar estas práticas de espaço. O que é para um morador do IAPI viver neste espaço? Norteado por DeCerteau e o que ele chama de *relatos de espaço*, (DeCerteau, 1994, p.212) é possível se perguntar que práticas cotidianas são estas que, através de ações narrativas, realizam o sentido do ser no mundo.

A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade de Porto Alegre



Re-orientar ou re-utilizar uma forma de habitação e um planejamento com o passar do tempo pode falar de uma tática, um discurso estabelecido por percursos e práticas cotidianas. A riqueza destas questões está certamente na superação de uma dicotomia que até mesmo DeCerteau postula entre o espaço privado e público. Mesmo que este autor esteja falando de um percurso em um espaço mais público (talvez fosse melhor falar em espaço compartilhado), através de uma experiência individual, a “organicidade” e o objetivo do projeto arquitetônico do IAPI também coloca uma relação direta entre estes relatos de espaço que são modificados e se modificam com a experiência no tempo.

Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas **conflituais**¹¹ ou de proximidades contratuais. (DeCerteau, 1994, p. 202)

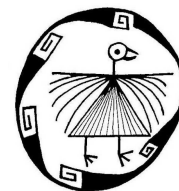
Refletindo a partir de Bachelard, podemos reconhecer estes conflitos e tensões colocadas por DeCerteau como fundamentais para a dialética do ser na morada. Ao pensar a *Poética do Espaço* (1984), o autor nos coloca diante de um problema inovador e capaz de dar conta de dualismos inerentes à experiência do sujeito no tempo. Ao fazer uma fenomenologia das imagens poéticas da morada, a imagem da casa é o princípio verdadeiro de integração psicológica. Para o autor

O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue mensuração e à reflexão geométrica. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. Em particular, quase sempre ele atrai. Concentra o ser no interior dos limites que protegem. O jogo do exterior e da intimidade não é, no reino das imagens, m jogo equilibrado. (Bachelard, 1984, p.196)

Portanto, lidar com dualismos é também condição principal para o ser pleno da morada. Já pensando em futuras indagações para responder em outros trabalhos, é preciso pensar a condição da casa no universo, onde ao mesmo

¹¹ Grifo meu.

**A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo
sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade
de Porto Alegre**



tempo, na relação com o mundo exterior, a morada pode assumir valores de negatividade e positividade. A tentativa de trabalhar com as idéias de interior e exterior, público/privado é muito mais de superar as dicotomias através das tensões e da memória do que estabelecer um estatuto ou valor para os termos do projeto e da idéia do conjunto habitacional do IAPI. Como ensina Bachelard, há uma dialética do aberto e do fechado, do interior e do exterior, que vai além do concreto ou da geometria dura, repousa na imaginação e na poética da experiência do espaço no tempo.

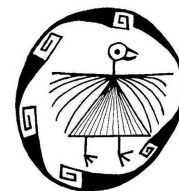
Outro debate que enriquece em muito a discussão que se faz presente, é pensar o estudo de redes sociais como uma forma de lidar com estas dicotomias entre público e privado, individual e coletivo, entre tantas outras. Além disto, foi através de uma rede que pude conhecer, através de Lino, outros moradores do bairro a fim de investigar outras maneiras de lidar política e socialmente com as mudanças impressas pelos diferentes ritmos temporais da cidade.

Barnes (1987), em um artigo bastante denso, explica que o termo rede foi utilizado primeiramente para descrever noções de como os indivíduos usavam laços pessoais de parentesco e amizade para alcançar certos objetivos. Sua análise nos mostra que a Antropologia Social tenta sempre revelar, através do estudo de rede, os limites e a estrutura interna dos grupos, e as conexões interpessoais que surgem a partir da filiação ao mesmo. Desta forma, é possível identificar graus de redundância nas redes, e saber que relações estão em jogo nestas.

No caso do IAPI, conheci até agora cerca de 40 moradores, de diferentes idades e ocupações através das redes de Lino, da ginástica da 3ª idade e dos praticantes da bocha. Se pensarmos nos termos de Barnes, a densidade da rede estipulada neste sentido se estabelece por meio de zonas primárias e também secundárias, onde as relações estão abalizadas por meio de valores de comércio local, sociabilidades lúdicas e relações de vizinhança. Um exemplo que poderíamos tomar como a descoberta de uma rede secundária através da primária é descrito abaixo, através de um trecho de outro diário de campo, de quando levei impressas algumas fotos antigas da inauguração do IAPI.

Por enquanto, fico na padaria, e resolvo mostrar as fotos para seu Lino. Ao vê-las, a comoção é gigantesca. Lino não cansa de repetir que tenho uma relíquia em mãos, e quer a todo o momento me lembrar onde e como estão os locais fotografados atualmente. Ao ver a foto do discurso de Getúlio Vargas, na inauguração do IAPI, lembra da

A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade de Porto Alegre



primeira padaria que seu pai comprou em sociedade com Seu Manoel, chamada Padaria Porto Alegre, em cima do prédio do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários. Segundo Lino, ainda havia no local uma casa de carnes, também de outro português. Lembra do discurso do presidente, e afirma que Getúlio já previa que o IAPI seria um lugar de gente “muito decente e trabalhadora” No meio da conversa, escuto o grito do seu Lino, me chamando para conhecer dona Manoela. Ela é uma das muitas clientes que seu Lino me fala para entrevistar. Dona Manoela veio para o bairro dia 1º de novembro de 1952 uma semana antes de dar a luz ao seu primeiro filho. O segundo filho, como conta, se envolveu em um acidente de carro e faleceu. O filho mais velho já casou e saiu do IAPI, mas acabou voltando.

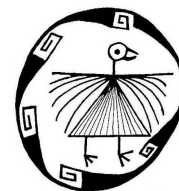
Manoela também me conta que antigamente o IAPI só tinha uma igreja pequena, um armazém, que a Plínio era a Estrada da Pedreira, estreita, e que o único açougue da região era na entrada. No meio da conversa, seu Lino descobre que o açougue comprado pelo seu pai, na chegada ao bairro, era do tio de dona Manoela. (diário de campo dia 03/09/10)

Além de Barnes, podemos tomar como referência para o estudo sobre redes sociais antigos trabalhos como o Willian Foote-White (2005), ao falar do seu interlocutor-chave como o *alfa* da rede de Barnes. Através de vários desenhos e diagramas, Foote-White nos mostra como objetivos e projetos individuais e coletivos são alcançados por meio de uma trama complexa de favores e barganhas individuais¹².

Porém, há uma hipótese interessante de ser colocada aqui. Ao analisar seus conjuntos-de-ação e suas sequências-de-ação (1987, p. 182), Barnes foca seus argumentos em explicar a ligação de propósitos particulares e trajetórias particulares a estes conjuntos-de-ação. Ao contrário do que afirma o autor, de que as redes de sociedades industriais parecem menos densas e mais esparsas, Barnes não consegue identificar um projeto e um objetivo coletivo. E aí, neste ponto, que podemos pensar como as ações destes indivíduos no IAPI unem

¹² Outros exemplos podem ser visualizados em um texto Howard Becker (2010), ao analisar diferentes formas e diagramas possíveis de falar sobre diversas análises e organizações e grupos sociais.

**A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo
sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade
de Porto Alegre**



projetos individuais e projetos coletivos. Mesmo considerando uma análise em longo prazo, as trajetórias sociais colocadas em narrativas diante de perguntas minhas aos interlocutores sempre focam na luta por regularização de habitação, nas redes do bairro e na particularidade das relações que se estabelecem de maneira mais íntima do que em outras grandes cidades.

Por ser um projeto voltado exclusivamente para uma classe trabalhista, os projetos individuais sempre se ligam, de alguma forma, aos projetos de pais e avós que foram os primeiros a chegar ao local, que eram funcionários da indústria e que vieram com a promessa de valorização do local. Os valores em jogo nas redes de relações são sempre muito próximos, e sempre giram em torno dos mesmos temas.

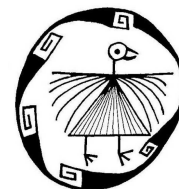
Partindo destes "princípios epistemológicos, o desafio que se coloca em campo, metodologicamente, é o trabalho com narrativas. Seguindo os argumentos de Eckert e Rocha (2005), que consideram que o "tempo social" é o produto da consolidação deste tempo através de uma comunidade, "fruto de uma hierarquização de uma séria de instantes e de rupturas de trajetórias vividas" (2005: pp. 90), é preciso pensar como estas diferentes camadas narrativas se articulam nas falas dos moradores e *habitués* do IAPI. Há além da grande influência bachelardiana da duração, o princípio de pensar as narrativas sob o olhar de Paul Ricoeur (1994). O filósofo francês afirma que o ato de narrar é que dá sentido ao caráter temporal da experiência humana:

(...) o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição de existência temporal (...) (1994: pp.85)

Sempre tendo cuidado com o termo "sentido pleno" da narrativa, podemos considerar a obra de Ricoeur importantíssima para os estudos sobre narrativa e rememoração. Tendo como base a releitura descrita por Eckert e Rocha (2000) a partir de Durand e Bachelard, a *inteligência narrativa* proposta por Ricoeur transforma o tempo em algo "humano" porque acomoda as lacunas e ondulações do tempo, impensáveis para o pensamento racional pós-Iluminismo. O ato de narrar envolve, além da simples rememoração do passado, outras diferentes etapas, em que o pensamento organiza o presente e dá sentido a uma série de acontecimentos, e dá à união de diferentes acontecimentos, um tema, uma história, um argumento¹³.

¹³ Segundo Paul Ricoeur estas três etapas são denominadas de Mimese I, II e III. A mimese primeira, da pré-figuração do tempo, exige do narrador a pré-compreensão do mundo e da

A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade de Porto Alegre



Mas como chegar a esta narrativa? O trabalho com imagens torna-se assim fundamental para esta pesquisa. Tendo em vista que a duração e a memória se apresentam através de camadas narrativas, é preciso entrar nestes jogos da memória (Eckert e Rocha, 2005) a partir da sensibilização pelas imagens. A etnografia de rua (2003), proposta pelas duas autoras já citadas, remete a uma atitude de um *flâneur* atento ao tempo e a sua ação nas formas da cidade. Caminhar pelo IAPI, como é a proposta desta técnica, pode me ajudar a entender melhor as diferenças entre tipologias, usos e desusos dos espaços públicos e privados do local.

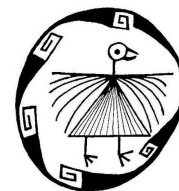
Outra maneira de se entender e compreender melhor o IAPI pelo prisma da etnografia da duração é o trabalho com as coleções de imagens, baseado na idéia do método de convergência proposto por Gilbert Durand (2000). Repensado por Ana L.C. da Rocha, o trabalho com coleções de imagens reúne classes de imagens multimídias em núcleos de significações a partir da sua agregação em torno de categorias e palavras-chaves. O produto do processo etnográfico conforma, assim, a montagem de constelações de imagens próximas entre si por seu simbolismo que, aglomerados, conformam uma galáxia onde a memória coletiva se projeta como espaço fantástico.

As coleções são, portanto objetos, espaço de re-interpretação do tempo que nos possibilita pensar as narrativas dos interlocutores inseridas nos processos de transformação da cidade. Primeiro, porque ao fazer etnografia de um fenômeno da cultura humana por meio de imagens, devemos considerar sua característica principal: sua potência fabulatória. Impossível, assim, adotar uma postura estática diante do dinamismo das imagens narradas. O que nos remete ao segundo ponto, a relevância de se operar com homologias e não analogias no momento da montagem das coleções etnográficas, ainda com base nas formulações do estruturalismo figurativo (Durand, 2000), que permite ao pesquisador ressaltar as semelhanças estruturais básicas nos vários ramos da produção de imagens das sociedades humanas os quais possuem a mesma origem.

Assim, tanto o material produzido em campo (diários, fotografias, vídeos) quanto o material coletado em acervos públicos ou particulares, converge entre

ação, suas estruturas inteligíveis, as suas fontes simbólicas e seu caráter temporal. A segunda mimese, do tempo figurado, configura a narrativa através do agenciamento dos fatos e através da poética, coloca os fatos em uma história de ordem cronológica através de episódios dispostos em um certo sentido. A terceira e última mimese é a do tempo re-figurado, que conclui o processo cíclico de compreender este tempo humanizado.

A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade de Porto Alegre



si através destas categorias para falar de uma cidade em constante transformação, que modifica e é modificada na ação dos atores nela inseridos.

É através desta tentativa hipermediática de lidar com um imaginário de habitação e trabalho da cidade de Porto Alegre, que é possível interpretar as diferentes formas de lidar com projetos individuais e coletivos, de aceitar ou não as transformações da cidade e as dinâmicas do tempo específicas de grandes centros urbanos.

Sobre os próximos passos

A pesquisa a partir de agora se debruçará sobre estes diferentes espaços de sociabilidade do bairro, tentando compreender como se dão as diferentes interações e os possíveis conflitos com uma política de pública de patrimônio no bairro.

Através de um mapeamento destas interações cotidianas, creio que será possível dar algum tipo de dimensão sobre o tamanho ou sobre a dinâmica cotidiana do bairro, seus espaços de circulação e de interação. Através do trabalho com crônicas etnográficas, a partir de uma orientação teórica e metodológica de Rafael Devos, procurarei narrar, através da convergência de imagens, estes agenciamentos e estas articulações sobre a memória do bairro e da cidade de Porto Alegre.

Ainda como desafio, aparece um possível estudo analítico sobre a relação entre habitação operária no Brasil e na Argentina, através do convênio de cooperação acadêmica entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Universidade de San Martín, em Buenos Aires.

Referências:

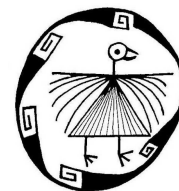
ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. México, Fondo de cultura econômica, 1993.

ANDRADE, Leandro Marino Vieira. **A Estrutura de Áreas Residenciais e a Ideologia Projetual: dois paradigmas em discussão**. Dissertação de mestrado, PROPUR, Ufrgs, 1993.

BAILEY, F.G. **Gifts and poison: the politics of reputation**. Chicago, Aldine, 1968.

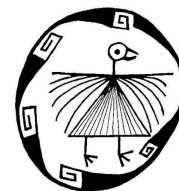
BARBOSA, Leticia Maria. **As relações topofílicas da Vila do IAPI em Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade de Porto Alegre



- Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRGS, 2008.
- BARNES, J.A. *“Redes sociais e processo político”*. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo, Global, 1987.
- BECKER, Howard Saul. **Falando da sociedade : ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2010.
- CARDOSO, Ruth. **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986
- DA MATTA, Roberto. *“O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues”* in NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A Aventura sociológica**. RJ, Zahar, 1978.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 1994.
- DIAS DUARTE, Luiz Fernando. *“A construção social da pessoa moderna”* In: **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. RJ, Jorge Zahar Editor/Cnpq, 1986.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do Imaginário**. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- DURHAM, Eunice. **A caminho da cidade**. São Paulo, Perspectiva. 1978.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. *A memória como espaço fantástico*, in **Illuminuras** Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2000. Ano 1, nº. 2.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. *“Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana”*. In: **RUA, Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp – NUDECRI – Campinas**, março 2003, número 9. p. 101 a 127.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. *“O antropólogo na figura do narrador”*. **Revista Habitus**, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 395-420, 2004.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Tempo e Cidade**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS 2005.
- FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista : getulismo, PTB e cultura política popular: 1945-1964**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2005.
- FOOTE-WHITE, Willian. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *“Etnografia como prática e experiência”*. In: **Revista Horizontes Antropológicos: Etnografias**. Porto Alegre Ed. UFRGS, 2009.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. 2. ed. São Paulo : Abril Cultural, 1978.
- NUNES, Marion Kruse. **Memória dos Bairros: Vila do IAPI**. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

A experiência da cidade-jardim porto alegre: estudo sobre memória e trabalho em uma vila operária na cidade de Porto Alegre



- OLIVEN, Ruben George. "Por uma Antropologia em Cidades Brasileiras". In: VELHO, Gilberto (coord.). **O desafio da cidade. Novas perspectivas da Antropologia Brasileira**. RJ, Campus, 1980. p. 23-36.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**, Tomo I. Campinas, SP: Papirus, 1994
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. "Coleções etnográficas, método de convergência e etnografia da duração: um espaço de problemas" In: **Revista Iuminuras: Método e Interpretação na Construção de Narrativas Etnográficas**, Vol. 9, N 21, 2008.
- SALEM, Tânia. "A despossessão subjetiva": dos paradoxos do individualismo" in **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Anpocs 18 Relume Dumara. Ano 7, fevereiro de 1992
- SILVA, Cleusa Terezinha et al. "A Vila Do Iapi No Contexto De Urbanização e Industrialização". **Revista do Historiador**, número 02, ano 02. 1999.
- SMPM. **Vila do IAPI, Patrimônio cultural da cidade**. Porto Alegre: Secretaria do Planejamento Municipal, Prefeitura de Porto Alegre, 1994.
- SOUZA, Célia Ferraz de Souza. **Um resgate da cidade jardim: A Vila do IAPI**. Trabalho apresentado no 3º Seminário de História da Cidade e Urbanismo. São Carlos, SP. 2004.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia das Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose antropologia das sociedades complexas**. RJ, Jorge Zahar Editora, 1994.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história da literatura**. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1990.

